

Figuras
da
Sociedade de Escriitores e Compositores



Henrique Lopes de Mendonça
Primeiro Presidente da Assembleia Geral
Visto por Augusto de Castro

Henrique Lopes de Mendonça foi uma das figuras mais representativas do neo-romantismo português na segunda metade do século passado. Pode dizer-se que foi pela sua mão, introduzindo em Portugal o drama histórico, na esteira de Hugo e de Alfredo de Vigny, que se iniciou o período áureo do nosso teatro que vai do *Duque de Viseu* ao *Afonso VI*, ao *Regente* e a *O Que Morreu de Amor* e nos deu, na comediografia, Gervásio e Schwalbach, e, na cena, artistas como Brasão, os dois Rosas, Ferreira da Silva, Virgínia, Lucinda Simões, e depois Ângela, Adelina Abranches, Carlos Santos e Chaby.

Essa literatura heróica e altissonante, que punha em versos de capa e espada as grandes

figuras da História Portuguesa, representou, evidentemente, uma época como o *Cromwell* e o *Hernâni* evocam um período, não apenas de vida dramática, mas da própria sensibilidade de um século. E criou uma escola de actores. Hoje tudo isso se sumiu na poeira do tempo. Mas teve a sua glória e a sua grandeza. E foi um uma literatura — a última que teve uma influência sentimental e política em Portugal.

Só conheci — quando, a seguir ao querido Malheiro Dias, com Lopes Vieira, João Lúcio e a geração de Augusto Gil, apareci na vida literária — o Lopes de Mendonça, já célebre do *Afonso de Albuquerque*, sua última peça histórica, creio eu, e do *Tio Pedro*. A vaga do neo-garret-

tismo tinha passado. Já se estava na maré baixa. Mas ser-se homem de letras, numa capital que, nesse tempo, poderia chamar-se uma cidade literária, era qualquer coisa de considerável.

Quando mais tarde, cheguei a Lisboa e o Teatro de D. Maria me abriu as portas, os bastidores dos teatros eram verdadeiros cenáculos de arte. Foi no palco da casa de Garrett e, depois, no então «D. Amélia», que conheci Lopes de Mendonça, Marcelino, D. João da Câmara e o Júlio Dantas de *A Ceia dos Cardeais*. Os camarins de Ferreira da Silva, Ângela, dos Rosas, o «jardim de inverno» de S. Luís de Braga eram centros de conversa e de boémia. O Chiado era uma rua do Parnaso. Os escritores e os artistas apontavam-se a dedo, quando passavam pela Havanesa. Lopes de Mendonça era, nessa pléiade dourada, já quase um antepassado. Com o seu andar bamboleante de marinheiro, a sua barbicha ruiva, a pesada glória do *Duque de Viseu*, o seu estreito parentesco com os Bordalos — Rafael e Columbano —, o seu chapelinho preto e redondo e aquelas tinturas de liberalismo romântico que lhe tinha dado o ser autor da letra de *A Portuguesa*, o dramaturgo de *A Morte* mantinha uma espécie de venerável principado.

Ao lado de Marcelino e do seu riso ribatejano, da estúrdia lírica de João da Câmara e da barbicha mefistofélica de Schwalbach, ele era «o Sr. Lopes de Mendonça». Fora o padrinho literário de Júlio Dantas. Foi ele — e não o esqueço — o relator do parecer que me introduziu, aos vinte e tantos anos, na Academia. Sorria e falava pouco, mas a sua mão, sacudida e, por vezes, rude, estendia-se, espontânea e protectora, aos que chegavam. O Chiado, nessa época, ainda não era uma selva literária. Fialho pousava às portas da «Bertrand». Ramalho atravessava as Duas Igrejas, de botas de duas solas e jaquetão de xadrez. O burguês voltava-se para o ver. E quando o Eça, com o seu monóculo e as suas gravatas de Paris, surgiam em Lisboa, vinha o comércio às portas e debruçava-se gente nas janelas.

Uma «primeira representação» ou a publicação de um livro constituíam, nesse tempo, um acontecimento. Escrevia-se Deus louvado, muito menos do que se escreve hoje — mas não é a comparação, sob o ponto de vista literário, de duas épocas, separadas pelos dilúvios de duas guerras e pelo alçapão de dois regimes, que eu

pretendo fazer. Não quero mesmo dizer que então se escrevesse melhor. Nunca fui saudosista. Mas, evocando a paisagem de dois períodos históricos, próximos no tempo mas afastados por profundas divergências de alma, de problemas e de angústias de espírito, é impossível deixar de sublinhar as suas sombras e as suas luzes. E, sob esse aspecto, as diferenças profundas estão, sobretudo, na existência, então viva, de um público literário que, arrastado por outras solicitações, hoje desapareceu.

Recordo-me da primeira representação de *Afonso de Albuquerque*, como do *Pedro, o Cruel*, de Marcelino. As salas cheiravam a batalha. Havia partidos, como no Parlamento. Mas, de um lado, estava a assistência, em filas cerradas, que ia ao teatro para julgar e se bater *pró* ou *contra* o autor — e, da outra parte, havia a solidariedade de armas dos que escreviam. A Literatura estava de um lado; o público estava do outro, divididos os dois pelo pano de boca. E a Literatura era uma personagem, um pouco boémia, com direitos à parte e prerrogativas de indumentária — e que não se misturava nem com a política, nem com a rua. Era a senhora Dona Literatura.

Marcelino usava um imenso chapéu de abas largas, que parecia um guarda-chuva, e uma pèra de Satanás, que assustava o Café Martinho e fazia tremer os empresários. João da Câmara, a olhar por cima das lunetas, com uma espécie de frigideira, redonda e puída, na cabeça, era certo, todas as noites, irónico e lírico, nos bastidores do «D. Maria». Júlio Dantas usava, por baixo dos bigodes «bordados a retrós preto», uma gravata à Lavallière, que tinha herdado «do que morreu de amor». Lopes de Mendonça cofiava os pelinhos claros por entre os heróis da nossa História e as estantes da Livraria Ferin. No inverno, trazia enrolado ao pescoço o *cache-nez* de Herculano.

No fim do espectáculo toda esta literatura teatral ia comer iscas numa pitoresca casa de pasto que havia por trás do Teatro D. Maria.

Nesse grupo, Lopes de Mendonça, mais velho, era o mais isolado. A sua influência estendia-se a uma geração inteira. Não será possível fazer a história do nosso teatro sem lembrar a sua figura austera e a sua obra, em cujas estrofes e acentos poéticos vibrou, à moda do tempo, a alma romântica de Portugal.